



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE

CEP 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC

TELEFONE (48) 3721-4131

ppgas.posgrad.ufsc.br / ppgas@contato.ufsc.br

**.aterro:**

memórias,

ressurgências criativas

e diversidade contaminada em uma paisagem arruinada.

**Mestrando:** *Ivan Gomes*

**Orientador:** *Dr. Rafael Victorino Devos*

– CANOA/PPGAS/UFSC

**.resumo:** nos últimos 50 anos, Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, localizado na região sul do Brasil, vem acumulando intensas e inumeráveis perturbações humanas. Em ritmo acelerado, os eventos de perturbação com gênese *intra* e *extra* locais contribuíram e continuam a contribuir para a configuração atual de sua paisagem, impactando fatal e violentamente os modos de vida – humanos e não humanos – que **com** a ilha se desenvolveram ao longo de séculos. Resultado do projeto modernista brasileiro da segunda metade do século XX, a expansão da malha rodoviária e os planejamentos urbanistas desde então elegeram os automóveis como paradigma primordial de desenvolvimento das cidades. Seguindo a mesma toada, a política de desenvolvimento de infraestrutura e mobilidade do Estado catarinense ignorou o potencial propiciado pela superfície marítima da ilha-capital e empreendeu mega projetos, como o aterro para ampliação das margens insulares e continentais do canal central e a construção das pontes Colombo Machado Salles e Pedro Ivo Campos - ambas servindo especialmente ao propósito de ampliar a malha rodoviária entre a ilha e o continente. Esses empreendimentos foram – e são - responsáveis por perturbações aceleradas que alteraram consideravelmente a paisagem - não apenas do centro da ilha, mas de grande parte das baías sul e norte – arruinando diversos ecossistemas humanos e não humanos. Minha pesquisa de mestrado se debruça sobre alguns desses efeitos, catando e recontando histórias de ressurgências criativas de vidas em coordenação, que têm como ponto de contato a paisagem arruinada da baía central. Não apenas histórias de morte e devastação: mas também de reinvenções e teimosia, apesar de tudo.

**.palavras-chave:** antropologia da paisagem. antropologia da técnica. Etnografia gráfica. ruínas. mar. pesca.

## **.roteiro**

Este *paper* está escrito em formato de roteiro – um roteiro bem idiossincrático, é verdade – para servir de suporte e orientação da narrativa de um curta que foi elaborado para servir à apresentação no *GT 17 – Antropologias da Paisagem*, na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. O vídeo atua no esforço de resumir os princípios de minha dissertação de mestrado. Os dados mais detalhados poderão ser acessados em plataformas diversas. Os materiais coletados ao longo do campo de pesquisa serão remodelados e apresentados a partir de diferentes suportes, como sítios na internet, montagens nos *Instagram*, ensaio gráfico, performances audiovisuais e onde mais se mostrarem necessários – além, é claro, da dissertação que deverá ser apresentada para obtenção do título de mestre, em conformidade criativa com as regras ABNT. Sendo assim, o que segue é mais uma possibilidade de manejo etnográfico e um convite para a imersão na paisagem de pesquisa.

## **.intro**

“No princípio eu era um sonho, um devaneio. Invadia a mente dos desatentos e implantava a necessidade da minha existência. Eram poucos os que resistiam ao meu poder de convencimento, de que eu era imprescindível caso eles quisessem ser reconhecidos, ter valor simbólico e econômico, fazer negócios. Era esse o público alvo de minhas mais virulentas investidas: homens, brancos, de negócios, da elite catarinense. Na cabeça daqueles sem poder de realização eu soprava imagens de conforto, bem estar e autoestima. *Confiem em mim*, eu dizia, *deixem comigo a tarefa de tornar mais **prática** a vida de vocês*. Não mais o sacolejo revoltado em dias de vento forte; para o passado a espera por uma embarcação em dias de chuva, reféns da máfia dos barqueiros. Era preciso carregar na tinta que pintava um mundo melhor com a minha existência; pois só assim eu conseguiria borrar as memórias afetivas que aquele povo tinha em relação ao mar que eu queria cobrir. Eu sabia de minhas limitações. Tinha perfeito conhecimento de que a todos eu não conseguiria vender e convencer que era um atraso a vida e o mundo sem mim: seria preciso **impor** a minha viabilidade, por isso eu aproveitava a avenida aberta na subjetividade dos gananciosos. Eu não fazia distinção entre os idealistas e os inescrupulosos: ambos não apresentavam resistência às minhas investidas. Bastava fazer parte do seletivo grupo capaz de *mover mares e construir pontes*.”

## **.contextualizando o campo**

Esse monólogo faz parte de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado, que está em reta final de composição. Nele, podemos ouvir, a partir de um exercício de imaginação, as memórias e elucubrações de uma das infraestruturas presentes na baía de Florianópolis, capital de Santa Catarina.

A cidade é uma das três capitais estaduais brasileiras com a maior parte de seu território e habitantes situados em uma ilha. Em geral, capitais estaduais possuem alta densidade demográfica,

ou seja,

habitam e se chocam em seu território inumeráveis projetos de fazer mundo (Tsing, 2019).

São projetos multiespécie em combinação bastante específica e nem sempre harmônica, haja visto a peculiaridade de um ecossistema diverso,

cercado pelo mar

e com relativa diversidade de fauna e flora.

Modernização e urbanização inspiram projetos de fazer mundo.

Longe de abranger a totalidade, esses ideais estéticos, éticos e políticos,

caros aos sonhos desenvolvimentistas tão constantemente presentes no imaginário econômico e sociopolítico da elite brasileira,

competem,

ou melhor,

se impõem

a outros projetos:

politicamente minoritários,

alternativos

e soterrados pelas forças que alimentam a locomotiva do progresso,  
a saber: sistema de produção capitalista, imperialismo, aceleração, crescimento e desenvolvimento:  
entidades que também se manifestam, com suas peculiaridades, na Ilha de Santa Catarina (Tsing & Mathews  
& Bubandt, 2019).

### **.aterro e pontes: perturbações na paisagem**

Dentre as diversas atuações humanas capazes de interferir consideravelmente na balança ecossistêmica das paisagens de Florianópolis,

**o avanço da cidade para o mar,**

e seu consequente “vice e versa”,

certamente alcançaria os primeiros lugares (Santos, 1997).

Buscando ampliar a área terrestre a fim de *acelerar* o fluxo de automóveis, os aterros eram,

na concepção urbanista do Estado desenvolvimentista brasileiro,

indispensáveis para a construção de uma malha rodoviária capaz de aportar tal paradigma. Dentre as diversas consequências dessa escolha, está o arruinamento de ecossistemas e paisagens multiespécies humanas e não humanas em coordenação na ilha e em seu entorno,

empobrecendo a diversidade marítima,

afetado a cadeia trófica

e alterando a intensidade das correntes superficiais da baía de Florianópolis.

Os aterros acabaram com faixas de areia em praias da ilha,

como Daniela e João Paulo,

soterrando relações sociais de pescadores e pescadoras,

além de afetar consideravelmente a prática da pesca artesanal e amadora.

Na esteira do afã modernizante a partir de mega obras de infraestrutura, está a escolha de fazer a conexão do tráfego – de automóveis, pessoas, água encanada e elétrons - entre o continente e a ilha por meio de pontes (Santos, 1997). Atualmente são três, todas localizadas no entroncamento entre as baías Sul e Norte de Florianópolis, no centro da capital:

a ponte Hercílio Luz,

a ponte Colombo Machado Salles

e a ponte Pedro Ivo Campos, em ordem cronológica de construção e inauguração.

As duas últimas têm suas cabeceiras insulares apoiadas em uma das áreas aterradas da ilha.

Aterros marítimos,

complexos viários,

pontes,

soterramentos de rios...

Essas são apenas algumas das infraestruturas (Tsing & Mathews & Bubandt, 2019) que materializaram projetos antropogênicos de fazer mundo em Florianópolis e que,

apesar de sua realização local,

se conectam a um imaginário e a consequências que extrapolam seu território. O Antropoceno se caracteriza, entre outros fenômenos e características,

por perturbações e simplificações modulares de paisagens heterogêneas, a fim de reformá-las a critério dos desejos e interesses do ideário político, econômico e sociocultural hegemônico operante em seu território – sejam estes desejos e interesse nacionais, internacionais ou transnacionais: todos colonialistas (Tsing, 2020).

## **.narrar histórias de assembleias multiespécie e ocupações de ruínas**

Acompanhar os processos de ocupação dessas ruínas por humanos e não humanos,

identificar e descrever as novas malhas e maneiras de interação mais que humana, bem como as práticas (re)inventadas a fim de viabilizar tais ocupações em um contexto de anarquia ontológica (Almeida, 2013) é uma das tarefas que cabem, também, a antropólogas e antropólogos (Tsing, 2019). A anarquia ontológica de nossa paisagem se realiza, se organiza e desorganiza a partir da assembleia mais que humana entre pescadores artesanais embarcados,

pescadores que lançam seus artefatos pesqueiros de cima das pontes,

marinheiros, bagres, Materiais Particulados em Suspensão – os MPS,

ventos, lua, corvinas, gravidade, *tabuinhas*,

andarilhos, grafites, engenheiros, ciclistas, burriquetes,

rachaduras, antropólogos, o mar

e inúmeros nós a mais nessa malha dinâmica (Ingold, 2015), de uma paisagem dinâmica (Ingold, 2015 & Tsing, 2019), a partir de acordos pragmáticos que se esforçam para viabilizar seu *acontecimento* e a coexistência de seus projetos de fazer mundo (Almeida, 2013).

Portanto, essa é uma etnografia em que o campo é realizado em uma mancha na paisagem antropocênica (*landscape patch*) (Tsing & Mathews & Bubandt, 2019). Ou seja,

a partir da percepção de que uma paisagem do Antropoceno é multitemporal e multidimensional: ela não se limita ao presente, posto que *foi, é e será* formada; é dinâmica, devir rizomático (Deleuze & Guattari, 1995) e composta por temporalidades diversas e eventos críticos, como o [jazz de Thiago França](#)<sup>1</sup>.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> <https://youtu.be/wSiOHUuQMR4> - Aguiã Alufã - composto por Thiago França; interpretado por Thiago França.

## .epílogo

“**Ponte** ou **ruína** não definem *tudo o que posso ser, tudo o que posso propiciar*, em suma, *toda a potência que de mim emana*. E alguns de vocês **percebem** isso. Não são muitos, é verdade. E mesmo esses que **percebem** são muitas vezes hostilizados por aqueles que me limitam como **ponte** ou **ruína**. Não que esses poucos não me vejam com os atributos de toda **ponte**: eles veem isso e muito mais. Eles *ampliam os limites da percepção*; eles *borram os limites* entre “eu”, “nós” e “eles”. Esses poucos **percebem** que a minha condição de **ponte**, vinculada à condição de **ruína**, envolvidas no ambiente em que habitamos, ensejam possibilidades tão diversas quanto suas **percepções** podem alcançar: desde mariscar nas pilastras que me sustentam, à fazer desenhos coloridos – ou não – sobre minha pele cinza; desde me usar como componente de seus artefatos de pesca, à jogar dominó, fazer churrasco e contar e fazer histórias; desde escrever dissertações de mestrado à me fazer de casa nos dias de intenso vento sul. Há quem chame isso de *affordances*, há quem prefira baderna e abandono: vocês não se decidem. Enquanto isso, a **entropia** me torna em **ruína** e a **percepção criativa** se vincula ao meu corpo para desenvolver **práticas** inovadoras de estar no mundo. Eu não tenho *nada* e tenho *tudo* a ver com isso. Eu *estou* aqui, eu *existo*, e vocês, *inevitavelmente*, farão *comigo* o que *desejarem*.”



## .referências bibliográficas

- AZEVEDO, Aina & SCHROER, Sara Asu, 2016. "WEATHERING: A GRAPHIC ESSAY". *Vibrant* 13(2): 177-197.
- BARBOSA, Gabriel C. & DEVOS, Rafael V. *Paralaxe e "Marcação Por Terra": técnicas de navegação entre jangadeiros na Paraíba e Rio Grande do Norte (Brasil)*. Revista MANA 23(3): 343-372, 2017.
- BARBOSA, Gabriel C. & DEVOS, Rafael V. & VEDANA, Viviane. *Paisagens como panoramas e ritmos audiovisuais: percepção ambiental da pesca da tainha*. Revista GIZ (Online), v.1, n.1, p. 41-58, 2016.
- CERTEAU, Michel de. 1994. *Caminhadas pela cidade*. In: *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis, Rj: Vozes, pp. 169 a 191.
- DANOWSKI, Débora & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir?*. Florianópolis: Cultura e Barbárie. 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GAN, Elaine & TSING, Anna. *How things hold: a diagram of coordination in a Satoyama forest*. Social Analysis, Volume 62, Issue 4, Winter 2018, 102–145 © Berghahn Books doi:10.3167/sa.2018.620406 • ISSN 0155-977X (Print) • ISSN 1558-5727 (Online)
- GIBSON, James J. *The ecological approach to visual perception*. Classic Edition, Psychology Press, 2014.
- KOPENAWA, Davi. *A queda do céu*. São Paulo: Cia das Letras. 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras. 2019.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis – RJ. Editora Vozes.
- , 2000. *The perception of environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. EUA & Canadá: Routledge.
- LEPECKI, André. *Corepolítica e coreopólicia*. Ilha: Revisra de Antropologia. 13(1): 41-60, 2011.
- LEITE, Rogério Proença. *Contrausos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. *RBCS* 17(49): 115-134, 2002.

LIMA, Tânia Stolze. *O campo e a escrita: Relações incertas*. Revista de Antropologia da UFSCar, v.5, n.2, jul-dez., p. 09-23. 2013.

NODARI, Alexandre. *A literatura como antropologia especulativa*. Revista da ANPOLL (Online), v. 1, p. 75-85, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *A partícula do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Paulo César. *Espaço e memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. Dissertação de mestrado: Programa de Pós Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

SAER, Juan José. *O conceito de ficção*. Tradução de Joca Wolff. Sopro, 15, p. 1-4, 2009.

SIMMEL, Georg. *A ponte e a porta*. Tradução de Simone Maldonado: Revista Política e Trabalho nº 12, p. 05-09, 1996.

THIAGO FRANÇA. *Aguiã Alufã*. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://youtu.be/wSjOHUuQMR4> – Acesso em 28 de outubro de 2020.

TSING, Anna. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.

-----, 2015. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Reino Unido: Princeton University Press.

Inquérito Civil nº 1.33.000.002571/2016-58 do Ministério Público Federal de Santa Catarina.